

# ACOSTA ÑU E O USO MILITAR DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

LUIZ AUGUSTO ROCHA DO NASCIMENTO,  
Cel. Cav. R1.  
[cel.luiz.augusto@gmail.com](mailto:cel.luiz.augusto@gmail.com)

TRABALHO ELABORADO PARA APRESENTAÇÃO NO VII ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA SOBRE AS OPERAÇÕES BÉLICAS NA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA.

## Introdução

A utilização de crianças e adolescentes na Guerra da Tríplice Aliança gerou o lamentável episódio na batalha de Acosta Ñu (Figura 1). O Presidente Lopez se retirava na direção do atual estado brasileiro de Mato Grosso do Sul na Campanha das Cordilheiras. Apesar dos aliados imporem uma série de derrotas, sucessivamente, ao líder de governo paraguaio, o Marechal não se rendia.

Figura 1 – Batalha de Acosta Ñu



A fuga de Lopez (Figura 2) se deu por meio de todos os paraguaios que o Presidente foi capaz de arrebanhar. Ele forçou idosos e crianças a se integrarem à fuga do combalido exército paraguaio. Ele utilizou o expediente de formar a sua tropa com o que era capaz de contar naquele momento. Soldados valentes provaram sua coragem defendendo sua pátria. Restavam agora crianças e idosos.

Figura 2 – Francisco Solano Lopez, Presidente do Paraguai



A presença dessas pessoas (Figura 3) na tropa de Lopez deu origem a acontecimentos terríveis que a guerra potencializou. Já não era um combate entre soldados, como as fases anteriores da guerra. A luta se dava entre forças desiguais, particularmente entre aliados veteranos nos combates contra forças improvisadas.

Figura 3 – criança paraguaia



O episódio da morte de crianças em Acosta Ñu foi emblemático. Gerou comoção tanto nos presentes ao combate como repercutiu depois da guerra. O Paraguai, em particular, transformou a data da batalha em Dia das Crianças e deu esse nome ao seu Colégio Militar. A memória desse episódio se manteve viva no calendário, em instituições e em monumentos paraguaios.

Figura 4 – Dia das Crianças no Paraguai



Os brasileiros que participaram do conflito também deixaram suas impressões. Dionísio Cerqueira (Figura 5), veterano da guerra, descreveu o horror daquele dia:

Foi uma derrota completa. O campo ficou cheio de mortos e feridos do inimigo, entre os quais causavam-nos grande pena, pelo avultado número de soldadinhos, cobertos de sangue, com as perninhas quebradas, não tendo alguns ainda atingido a puberdade.<sup>1</sup>

Figura 5 – General Dionísio Cerqueira, veterano de toda a Campanha.



<sup>1</sup> CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai.**

Embora trágico, o episódio (Figura 6) apenas evidenciou uma prática antiga na História da Humanidade: o uso de crianças e adolescentes para fins militares não era uma prática nova. Pelo contrário, as forças militares utilizaram o serviço de crianças e adolescentes em toda a sua História. As necessidades justificaram, de forma prática, o seu uso, particularmente pela necessidade de recompletar, com efetivos preparados, os caídos em combate ou inutilizados por doenças ou ferimentos.

Figura 6– representação da Batalha de Acosta Ñu



O objetivo deste trabalho foi o de apresentar a utilização de crianças e adolescentes em forças militares, antes e depois da Guerra da Tríplice Aliança. Com isso, o autor do trabalho desejou mostrar que, embora trágico, o episódio de Acosta

Ñu não foi um experimento aplicado pela primeira vez na guerra, mas sim uma prática largamente conhecida na arte militar.

O trabalho se justificou pelo fato de que o episódio de Acosta Ñu (Figura 7) trouxe feridas graves ao espírito do povo paraguaio, as quais permanecem abertas 150 anos depois de terminado o conflito. No entanto, o peso que recaiu sobre a tropa brasileira, seja por ser em maior número, seja por possuir o comando das operações, não se justifica com as cores escuras que tomou posteriormente ao episódio.

Figura 7– *niños* (crianças) em Acosta Ñu



## Desenvolvimento

Hegel (Figura 8) afirmou que não podemos julgar o passado à luz dos conhecimentos presentes. Temos que imergir no passado e entender o contexto em que os fatos ocorreram.<sup>2</sup> Os acontecimentos de Acosta Ñu se deram num contexto

---

<sup>2</sup> HEGEL. **Filosofia da História.**



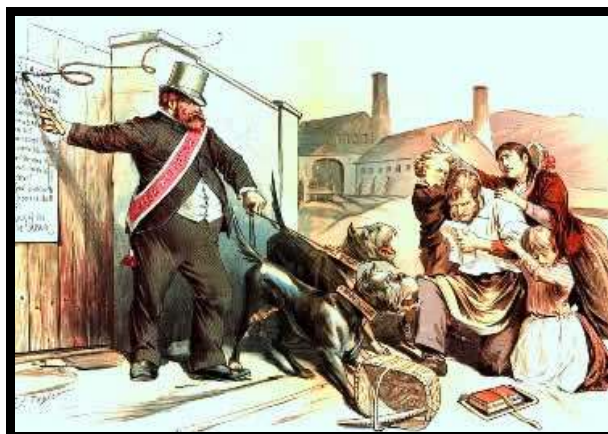
de transição entre o papel da criança na sociedade. A visão que temos no século XXI de crianças e adolescentes não é a mesma que vigorava no século XIX.

Figura 8– Hegel, filósofo alemão



Crianças e adolescentes eram, na visão do mundo até o século XVIII, mini adultos.<sup>3</sup> Portanto, a infância, como conceito, não era igual ao que se entendia até esse período. Portanto, a formação militar de crianças e adolescentes condizia com a visão que se possuía dessa faixa de idade. O reconhecimento da infância como fase do aperfeiçoamento humano é fruto de uma sociedade burguesa de família.<sup>4</sup>

Figura 9– família na Revolução Industrial



A Revolução Industrial trouxe um novo capítulo à utilização das crianças em atividades reservadas aos adultos. A composição da família sofreu uma mudança drástica. A Revolução levou não só o chefe, mas também sua esposa e filhos, para trabalhar nas fábricas que pontilhavam primeiramente na Inglaterra e depois no

---

<sup>3</sup> ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.**

<sup>4</sup> Idem.

restante da Europa. Os relatos e as imagens das crianças de feições tristes e sujas, quer nas minas de carvão, quer nas fábricas escuras, são célebres.

A remuneração do trabalho infantil, porém, não era o mesmo dos homens. As crianças acompanhavam seus pais, por não terem com quem ficar, e aprendiam um ofício ao longo de sua permanência nos postos de trabalho. Sofriam o peso das horas longas e cansativas sem receberem o mesmo pagamento reservados aos homens. A visão dessa infância britânica foi marcada pelo suor e o cansaço.<sup>5</sup>

Assim, a evolução da Humanidade manteve, por muito tempo, uma visão da infância diferente da existente no século XXI. Assim, a formação militar fez parte da rotina dos povos sem trazer um constrangimento à essa prática. Este trabalho procurou, ao longo deste desenvolvimento, apresentar alguns casos dessa prática desde a antiguidade até o século XXI.<sup>6</sup>

### **Antiguidade: infância e guerra**

As guerras da Antiguidade se deram com intensidade e muito sangue. Os conquistadores se revezaram na conquista de vastos impérios. Babilônios, persas, assírios, macedônios, sucederam-se no domínio do mundo conhecido. Assim, a preparação para a guerra era uma atividade fundamental para a sobrevivência dos povos antigos.

Nesse contexto bélico, a inserção de crianças e adolescentes na vida militar era uma necessidade, não era uma opção. A substituição de guerreiros caídos ou inutilizados pelo combate era uma questão de segurança do Estado. Nesse contexto vimos duas sociedades que primaram nessa prática. Esparta e Roma.

A educação desenvolvida em Esparta (Figura 10) estava intimamente ligada ao caráter militarista que a sociedade e o governo utilizavam naquela época. Desde a mais tenra idade, percebemos que a formação do indivíduo era reconhecida como uma função a ser obrigatoriamente assumida pelo próprio Estado. Para compreendermos tal prática, é necessário nos lembrar que os espartanos viam cada novo ser como um soldado em potencial.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> HOBBSAWN, Eric. **A Era das Revoluções**.

<sup>6</sup> SILVA, Eduardo Rodrigues da. **A Criança, a Infância e a História**.

<sup>7</sup> SOUSA, Rainer. **A educação espartana**.

Figura 10– criança de Esparta



Já ao nascer, a criança era minuciosamente observada por um grupo de anciãos. Caso ela não apresentasse uma boa saúde ou tivesse algum problema físico, era invariavelmente lançada do cume do monte Taigeto. Se fosse considerada saudável, ela poderia ficar com a sua mãe até os sete anos de idade. Depois disso, passava a ficar sob a tutela do governo espartano para assim receber todo o conhecimento necessário à sua vindoura trajetória militar.<sup>8</sup>

Entre os sete e os doze anos a criança recebia os conhecimentos fundamentais para que conhecesse a organização e as tradições de seu povo. Depois disso, era dado início a um rigoroso treinamento militar onde seria colocado em uma série de provações e testes que deveriam aprimorar as habilidades do jovem. Nessa fase, o aprendiz era solto em um campo onde deveria obter o seu próprio sustento por meio da coleta, da caça de animais ou, em alguns casos, por meio do furto.<sup>9</sup>

Nessa mesma época, os aprendizes eram colocados para realizarem longas marchas e lutarem uns com os outros. Dessa maneira, aprendiam a combater eficazmente. Além disso, havia uma grande preocupação em expor esse soldado a situações provadoras que atestassem a sua resistência a condições adversas e

---

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> SOUSA, Rainer. **A educação espartana.**



obediência aos seus superiores. Cada vez que não cumprisse uma determinada missão, esse soldado em treinamento era submetido a terríveis punições físicas.<sup>10</sup>

Quando chegavam aos dezessete anos de idade, o soldado espartano era submetido a um importante “teste final”: a *kriptia*. Funcionando como uma espécie de jogo de esconde-esconde, os soldados participantes se escondiam de dia em um campo para, ao anoitecer, saírem à caça do maior número de *hilotas* (escravos pertencentes à *polis*) possíveis. Quem sobrevivesse a esse processo de seleção já estaria formado para integrar as fileiras do exército e teria direito a um lote de terras.<sup>11</sup>

Com relação às mulheres, devemos salientar que essa mesma tutela exercida pelo Estado também era dirigida a elas. De acordo com a cultura espartana, somente uma mulher fisicamente preparada teria condições de gerar filhos que pudessem lutar bravamente pela defesa de sua cidade-estado. Além disso, durante sua vida civil ela poderia adquirir o direito de propriedade e não estava necessariamente sujeita à autoridade de seu marido.<sup>12</sup>

Quando alcançava os trinta anos de idade, o soldado espartano poderia galgar a condição de cidadão. A partir desse momento, ele participava das decisões e leis a serem discutidas na *Ápela*, assembleia que poderia vetar a criação de leis e indicava os indivíduos que comporiam a classe política dirigente de Esparta. Quando atingia a idade de sessenta anos, o indivíduo poderia sair do exército e integrar a *Gerúsia*, o conselho de anciãos responsável pela criação das leis espartanas.<sup>13</sup>

A educação militar começava entre os romanos com a infância nos ginásios e ia até o Campo de Marte, onde se treinavam os exércitos militares, obtendo-se, assim, seu desenvolvimento profissional e uma perfeita formação moral. Aprendia-se a manejar as armas e a trabalhar com a pá e a picareta.<sup>14</sup>

Os homens de 17 a 60 anos eram divididos em cinco classes (*Hastários, triários, vélites, equites e príncipes*) e, destas, só eram convocadas quatro classes para as guerras com Cartago. Nenhum legionário deveria passar mais de 16 anos no Exército.<sup>15</sup>

Grandes generais da Antiguidade se notabilizaram por seus feitos no campo de batalha. Ao mesmo tempo, iniciaram cedo a sua vida para a guerra. Alexandre, o

---

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Ibidem.

<sup>12</sup> Ibidem.

<sup>13</sup> SOUSA, Rainer. **A educação espartana.**

<sup>14</sup> AZEVEDO, Pedro Cordolino F. **História Militar.**

<sup>15</sup> Idem.

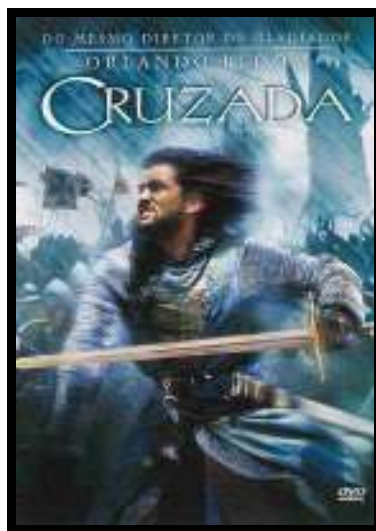
Grande, tinha 19 anos e comandava os macedônios na conquista do seu império. Aníbal Barca, feroz inimigo de Roma, já aos 9 anos, acompanhou seu pai, Amílcar Barca, à Espanha, e tomou parte em todas as campanhas por ele travadas.<sup>16</sup>

A Idade Antiga apresentou uma luta muito grande entre os povos. Assim, a educação militar caminhava, passo a passo, com a educação não militar. Sócrates, filósofo grego, lutou com bravura pelos atenienses. Ésquilo, dramaturgo, viu seu irmão cair morto perto de si na Batalha de Maratona. A formação militar era parte normal do desenvolvimento desde a infância.

### **Idade Média e a infância na guerra**

O período medieval europeu trouxe ao panorama da guerra as lutas religiosas. Nesse contexto a Europa e a Ásia viram uma luta sangrenta entre cristãos e muçulmanos, sobretudo nas Cruzadas (Figura . O lado cristão viu o surgimento do feudalismo e sua representação mais expressiva: a Cavalaria. A principal preocupação dos senhores feudais era a guerra; por isto mesmo, viviam em constantes preparativos militares e moravam em castelos-fortes.<sup>17</sup>

Figura 11– filme sobre as Cruzadas



A educação militar dos futuros cavaleiros (Figura 12) começava cedo, aos 7 anos. Aos 12, o menino ia ser valete no castelo do suserano de seu pai; aí era feito

---

<sup>16</sup> Ibidem.

<sup>17</sup> CASTRO, Terezinha de. **História Antiga e Medieval.**

escudeiro e podia acompanhar o suserano nas expedições. Aos 18 ou 20 anos ele era armado cavaleiro em cerimônia de investidura.<sup>18</sup>

Figura 12– cavaleiro medieval



As cerimônias se cercavam de grande tradição. O futuro guerreiro escolhia um padrinho, em geral um cavaleiro mais velho e experimentado; este lhe entregava os apetrechos formados por roupas de malha de aço, o elmo – espécie de capacete com uma banda também de aço, o nasal para a defesa do nariz, o escudo para a defesa do corpo, uma espada, uma lança e um machado; a seguir, o padrinho dava uma pequena palmada na nuca do investido, que, simbolicamente, representava a passagem de toda coragem e bravura para o afilhado.<sup>19</sup>

A utilização de crianças e adolescentes era comum na guerra, particularmente para cuidar das bagagens de seus senhores. Era comum que *pagens* e outros assessores estivessem envolvidos no combate durante a guerra. Embora cuidando da retaguarda, e não serem combatentes diretos, às vezes eles sofriam revezes. Por exemplo, o massacre efetuado sobre os ingleses pela cavalaria francesa derrotada na batalha de Azincourt (Figura 13).

---

<sup>18</sup> CASTRO, Terezinha de. **História Antiga e Medieval.**

<sup>19</sup> Idem.



Os jovens eram educados de acordo com a Lei islâmica e na língua turca, ao mesmo tempo em que aprendiam a manejar armas e eram instruídos na arte da guerra. Os jovens cresciam tendo o próprio Sultão como uma figura paterna, a quem estariam dispostos a defender até a morte, mesmo contra seu próprio povo de origem.<sup>21</sup>

A justificativa para a adoção de um corpo de soldados convertidos, ao invés de turcos nativos, era que os turcos deviam lealdade ao seu povo e às suas famílias, e poderiam se tornar rebeldes em caso de uma ação do Sultão contra outros turcos. Já os jovens cristãos deviam lealdade apenas ao Sultão, e por ele lutariam contra qualquer inimigo que se apresentasse.<sup>22</sup>

Apesar do Império Otomano ter adotado oficialmente o islamismo sunita, os janízaros eram adeptos de uma ordem chamada *bektashi*, em alusão ao seu criador, Hajji Bektash, que reunia elementos muçulmanos e cristãos, permitia o consumo de bebidas alcoólicas e a participação de mulheres sem véus. Quando em serviço, no entanto, eram rigorosamente disciplinados e proibidos de se casar. Os janízaros tinham o hábito de levar consigo símbolos ou citações cristãs para a batalha, com o consentimento de seus superiores.<sup>23</sup>

Assim, tornou-se uma prática comum nas campanhas empreendidas pelos otomanos na Europa capturar meninos nas cidades conquistadas e levá-los para os centros de treinamento turcos. Quando não estavam em guerra, os sultões exigiam de seus estados vassalos cristãos nos Bálcãs uma remessa de jovens para compor o corpo de janízaros, prática conhecida como “imposto de sangue”.<sup>24</sup>

Outro exemplo de formação precoce de guerreiros eram os mongóis. As crianças já se acostumavam, desde cedo, a se prepararem para a guerra. Eram forçados a disputar sua própria comida a partir do que os adultos jogavam para elas junto com os cães. A luta pela sobrevivência os tornaram os mongóis, desde cedo, guerreiros experientes. Seu império é prova disso.<sup>25</sup>

---

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> Ibidem.

<sup>23</sup> DAROZ, Carlos. **Os Janízaros Otomanos**.

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> AZEVEDO, Pedro Cordolino F. **História Militar**.



## Idade Moderna e a juventude guerreira

O desenvolvimento do Humanismo, particularmente ligado ao Renascentismo, também viu o desenvolvimento das forças militares. Outros nomes sucederam César, Aníbal e Alexandre: foi a vez de Gustavo Adolfo, rei da Suécia, e Frederico II, soberano da Prússia. O Iluminismo fez de Frederico, o Grande, um Déspota Esclarecido. O seu exército, porém, era mais temido.

Figura 15– Frederico II, O Grande, Rei da Prússia.



O emprego de menores de 18 anos continuou. O francês Louvois (Figura 16) tratou da instrução dos oficiais, criando companhias de cadetes nas praças fortes, para as quais eram recrutados filhos de *cadets* de nobres. Ao cabo de um ano, os cadetes atingiam o posto de subtenentes e, daí por diante, galgavam os postos que Le Tellier estabelecera para os oficiais.<sup>26</sup>

Figura 16– Louvois.



---

<sup>26</sup> SANTOS, Francisco Ruas. **A Arte da Guerra.**

Frederico II também adotou o procedimento de formar seus oficiais, criando escolas de cadetes. Semelhante aos franceses, essas escola preparavam os jovens para o futuro emprego no exército, garantindo a força que demonstrou nos conflitos subsequentes, até o século XX. O recrutamento modificou-se gradativamente levando muitos jovens às fileiras prussianas.<sup>27</sup>

### **Idade Contemporânea: jovens e conflitos**

A Revolução Francesa chamou o povo às armas. As forças militares passaram a elemento de salvação nacional, não apenas uma força do Estado. Com isso, o recrutamento universal transformou os conscritos em soldados-cidadãos. A Revolução funcionou como caixa de ressonância do Iluminismo e gerou um gênio militar: Napoleão Bonaparte.

Napoleão quis que seus homens fossem afeitos ao serviço das armas, e nenhum podia ser promovido a cabo com menos de dois anos de serviço; a sargento, antes de quatro; e a subtenente, antes de oito. Uma escola militar estabelecida em Saint-Cyr deveria formar os oficiais de melhor instrução, de onde saíam os quadros superiores, que Napoleão desejava jovens.<sup>28</sup>

O desejo de Bonaparte por uma tropa mais jovem talvez espelhasse sua própria formação. Afinal, muito cedo, foi estudar com os nobres franceses na Academia Militar de Brienne. No exército napoleônico os coronéis e os generais tinham em média 37 anos; muitos tinham menos. O próprio Napoleão era general aos 21 anos. Dos 162 oficiais-generais mortos em ação, 33 tinham entre 28 e 40 anos.<sup>29</sup>

As tropas de Napoleão possuíam uma força chamada Pupilos da Guarda. Eles possuíam de 10 a 16 anos. Primeiramente eram holandeses, chamados de *Petit Hollandais*. Durante o reinado de Louis Bonaparte (Figura 17), irmão do imperador francês, quando foi ser rei, havia dois batalhões *Velites* formados de crianças abandonadas, filhos de oficiais e soldados mortos em serviço e órfãos variados.<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup> Idem.

<sup>28</sup> SANTOS, Francisco Ruas. **A Arte da Guerra**.

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> FUNCKEN, Fred; FUNCKEN, Liliane. **Arms and Uniforms: The Napoleonic Wars, Part 2: Napoleonic Wars**, v.2.

Figura 17– Luís Bonaparte, pai de Napoleão III.



Quando a Holanda foi unificada com a França em 1811 Napoleão decidiu que tanto os *Petit Hollandais* como os dois batalhões deveriam ser transferidos para a Guarda Imperial denominando-os *Pupiles de la Garde imperiale*. Napoleão os transformou em unidades da sua Guarda Imperial. Sendo da Guarda, por uma benevolência do imperador, os bigodes não eram compulsórios.<sup>31</sup>

Eram chamados no dia a dia de “A Guarda do rei de Roma”. Este era o título do filho de Bonaparte com a imperatriz austríaca Maria Luísa. Em algum momento chegaram a nove mil tropas incluindo crianças da Itália, Alemanha e Bélgica. Os candidatos deveriam ter entre dez e dezesseis anos e cinco pés ou mais de altura (cerca de um metro e meio).<sup>32</sup>

Por outro lado, existiam também os chamados *Les Marie Louise*, pessoas recrutadas para as tropas do imperador. O nome era uma homenagem à segunda esposa de Bonaparte, a segunda imperatriz de Napoleão. Eram soldados franceses, conscritos por antecipação, das classes de 1812, 1813, 1814 (duzentos e oitenta mil soldados) e de 1815 (cento e sessenta mil soldados) com idade média entre quatorze e quinze anos. A convocação antecipada visava preencher os claros deixados nas fileiras depois de anos de lutas.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> FUNCKEN, Fred; FUNCKEN, Liliane. **Arms and Uniforms: The Napoleonic Wars, Part 2: Napoleonic Wars**, v.2.

<sup>33</sup> Idem.

A Marinha britânica apresentou, também, exemplos da utilização de crianças e adolescentes em suas campanhas. As crianças embarcavam cedo nos navios e aprendiam na prática a arte da guerra do mar. Como exemplo, o Almirante Horatio Néelson embarcou aos doze anos no navio de guerra HMS *Raisonnable* e iniciou fulgurante carreira militar até sua morte, em 1758, durante a batalha naval de Trafalgar.<sup>34</sup>

O Brasil também possuía exemplos do emprego de jovens nas suas fileiras. O patrono do Exército brasileiro, Luís Alves de Lima e Silva, foi titulado Cadete de 1ª Classe em 22 de novembro de 1808, aos cinco anos de idade. Apesar de que essa formalidade ser apenas para contagem de tempo de serviço, conforme a Lei do Cadete vigente à época, já previa sua futura integração ao Exército. Isso ocorreu em 4 de maio de 1808, dez anos depois, quando contava quinze anos de idade.<sup>35</sup>

O Marechal Osório, patrono da Cavalaria brasileira, também foi, muito cedo, para o campo de batalha. Seu pai o levou para acompanhá-lo no campo de batalha ainda aos 14 anos. Aos quinze anos sentou praça na Legião de Tropas Ligeiras de São Paulo, durante a Campanha da Província Cisplatina. Não frequentou a Escola Militar: suas vitórias foram fruto da prática aprendida com velhos soldados e no sangue e no pó dos campos de luta.<sup>36</sup>

O Marquês de Tamandaré, patrono da Marinha brasileira, seguindo a tradição da Marinha britânica, seguiu cedo para a vida a bordo. Aos treze anos de idade, alistou-se como voluntário na Marinha do Brasil, onde iniciou carreira como praticante de piloto na Fragata Niterói, sob o comando de John Taylor. Nesse posto tomou parte em vários combates navais no litoral da então Província da Bahia, inclusive na perseguição à força naval portuguesa que se retirava em 1823.<sup>37</sup>

O recrutamento à época do Império brasileiro não era bem organizado. De fato, inserir pessoas para combater no Exército era uma atividade que exigia muito esforço para tirar o cidadão da sua casa e família e levá-lo para a guerra. Enquanto Osório acompanhava seu pai nesse conflito, o recrutamento existente na província do Rio Grande do Sul convocou jovens de dezesseis a dezessete anos para a luta. Semelhante fato ocorreu em outros lugares como a província do Pará.<sup>38</sup>

---

<sup>34</sup> VIDIGAL, Armando. **Almirante Nelson**: o homem que derrotou Napoleão.

<sup>35</sup> PILLAR, General Olyntho. **Os Patronos Das Forças Armadas**.

<sup>36</sup> Idem.

<sup>37</sup> SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO DA MARINHA. **História Marítima e Naval**:

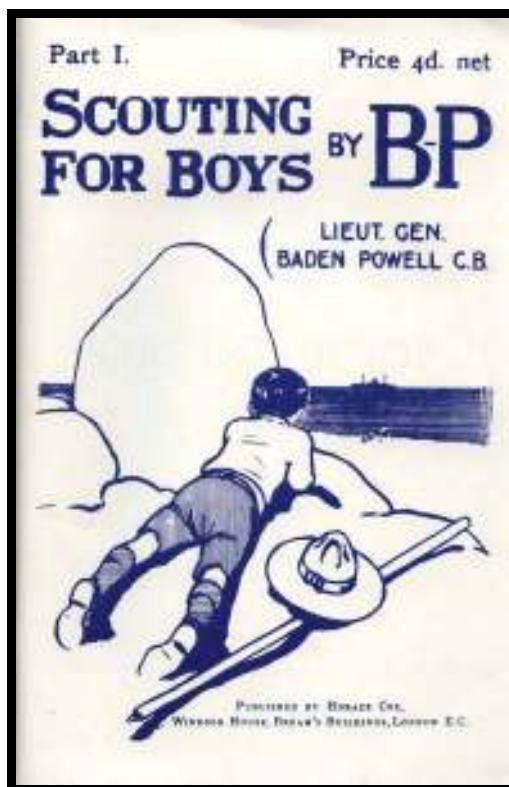
<sup>38</sup> LUFT, Marcos Vinícius. **“Essa guerra é desgraçada”**: recrutamento militar para a Guerra da Cisplatina (1825-1828).

O serviço da guerra deixou ao desamparo vários órfãos, cujos pais morreram na guerra. Particularmente a Guerra do Paraguai gerou a formação de estabelecimentos militares que buscavam dar um apoio em educação à essas crianças. Uma dessas iniciativas deu origem à criação do Colégio Militar do Rio de Janeiro, em 1889, origem do Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB) atual.

Outra iniciativa ocorreu em Minas Gerais com a criação da Companhia de Aprendizes Militares de Minas Gerais (1876-1891) cujo objetivo era formar pessoal pertencente aos quadros inferiores do Exército por meio do recolhimento de crianças desvalidas, no contexto de desenvolvimento de políticas públicas de proteção e assistência à infância.<sup>39</sup>

Outra utilização de crianças e adolescentes na guerra trouxe reflexos positivos. A Guerra dos Bôeres trouxe a ideia do Escotismo. A criação dos *Boys Scouts* por Robert Smith Steveson Baden Powel, Lord Guiwell, na Guerra dos Bôeres, quando meninos foram usados em atividades de apoio (mensageiros, etc) e de reconhecimento aproximado (vide Manual do Escoteiro Noviço (Figura 18), editado pela UEB), na defesa de Mafeking na África do Sul.<sup>40</sup>

Figura 18– o livro dos *Boys Scouts*.



<sup>39</sup> GUIMARÃES, Felipe Osvaldo. **FORMAÇÃO MILITAR E “AMPARO AOS DESVALIDOS” NA COMPANHIA DE APRENDIZES MILITARES DE MINAS GERAIS (1876-1891).**

<sup>40</sup> Escoteiros do Brasil. **Baden-Powell.**



## Infância e adolescência em conflitos nos séculos XX e XXI

As experiências das Guerras Mundiais, sobretudo a Segunda, viram a reintrodução de crianças e adolescentes nas formações militares. A Juventude Hitlerista (Figura 19), ligada ao Partido Nazista alemão, levou a extremos o preparo de futuros homens de suas tropas. Eles, a exemplo de Lopez, integraram forças de combate e lutaram contra os Aliados na Europa.

Figura 19– Juventude Hitlerista.



O partido nacional-socialista possuía também a *Volkssturm*. Constituía-se de forma semelhante à do marechal paraguaio, pois tinha crianças e idosos. Seus membros tiveram um treinamento rápido para enfrentar os invasores. Sua convocação se deveu, também, às pesadas baixas sofridas nos diversos anos de conflito. A lutou *Volkssturm* e morreu em combates defendendo a Alemanha.<sup>41</sup>

Figura 20– treinamento da *Volkssturm*.



<sup>41</sup> KOCH, H.W. **A Juventude Hitlerista**: mocidade traída.

Outro fenômeno triste foi o do uso das crianças-soldados em conflitos, sobretudo na África (Figura 21). Angola viu, por exemplo, o que mais de vinte anos de guerra civil trouxe ao país. Devastaram não só a riqueza, mas também ceifou vidas, deixando marcas nos sobreviventes impossíveis de se retirar totalmente.<sup>42</sup>

Figura 21– crianças em guerra na África.



A utilização frequente de crianças pelas facções rebeldes nos países africanos em conflitos no final do século XX e mesmo nesse início do século XXI, bem assim por forças do terrorismo islâmico no mesmo período, como combatentes. Embora com outro parâmetro social e moral, as crianças e adolescentes continuam como peças de guerra por diversos grupos.

### Considerações Finais

Os acontecimentos verificados em Acosta Ñu foram, com certeza, terríveis. Os sofrimentos a que os paraguaios se submeteram nos anos de guerra cobraram um alto preço do país e, sobretudo, de sua população. Certamente o episódio da batalha (Figura 22) não são os mais gloriosos da guerra. Em suma, o evento foi uma verdadeira tragédia.

---

<sup>42</sup> TABAK, Jana. **AS VOZES DE EX-CRIANÇAS SOLDADO: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE O PROGRAMA DE DESARMAMENTO, DESMOBILIZAÇÃO E REINTEGRAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS**

Figura 22– alegoria sobre a Batalha de Campo Grande.



Voltando a Hegel<sup>43</sup>, não é prudente comparar os episódios da Guerra da Tríplice Aliança (Figura 23) e da guerra na frente ocidental. Contudo, é um fato que as crianças e idosos da *Volkssturm*, que lutaram e causaram baixas aos Aliados, e as crianças paraguaias, que enfrentaram as tropas brasileiras, estavam em combate sob as ordens dos líderes de seus respectivos países.

Figura 23– livro do General Dionísio Cerqueira sobre a Guerra do Paraguai.



<sup>43</sup> HEGEL. *Filosofia da História*.

O objetivo deste trabalho foi o de apresentar a utilização de crianças e adolescentes em forças militares, antes e depois da Guerra da Tríplice Aliança. Para isso, o autor deste trabalho percorreu alguns episódios da Antiguidade até o século XXI. Lembrou a questão do preparo de crianças e adolescentes para a guerra, tanto no Ocidente quanto no Oriente.

Certamente os paraguaios necessitaram lamentar os episódios que tiveram lugar em seu território. É justo que mantenham luto sobre esses acontecimentos. Porém, o uso militar infantil não era novidade à época do conflito. Até mesmo a visão que se tinha da infância passava por modificações após séculos de um entendimento totalmente diverso do que passou a ter depois da Revolução Industrial.

Em um sentido mais amplo, tomar as crianças, adolescentes e idosos para formar uma nova tropa foi o que restou ao Presidente Lopez. Não fez nada diferente do que se fizera antes dele, e que se fez depois dele. Porém, a responsabilidade do emprego da tropa recaiu, sempre, sob quem a comandava. Num ponto de vista brasileiro, *a priori*, devemos a consideração de que a morte de inocentes, descrita por Dionísio Cerqueira, é mais do Marechal Lopez do que do Conde D'Eu (Figura 24).

Figura 24– Conde D'Eu, genro de D. Pedro II, comandante brasileiro.



## Referências

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. LTC Editora. 1981.

AZEVEDO, Pedro Cordolino F. **História Militar**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.

CASTRO, Terezinha de. **História Antiga e Medieval**. Livraria Freitas bastos. Rio de Janeiro 1977. p. 242 e 245.

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai**. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro, 1980.

DAROZ, Carlos. **Os Janízaros Otomanos**. Disponível em <http://darozhistoriamilitar.blogspot.com.br/2009/03/os-janizaros-otomanos.html>. 2009.

Escoteiros do Brasil. **Baden-Powell**. Disponível em: <http://escoteiros.org.br/escotismo/baden-powell.php>

FUNCKEN, Fred; FUNCKEN, Liliane. **Arms and Uniforms: The Napoleonic Wars, Part 2: Napoleonic Wars, v.2**. Littlehampton Book Services Ltd, 1973 p. 24 e 26

GUIMARÃES, Felipe Osvaldo. **FORMAÇÃO MILITAR E “AMPARO AOS DESVALIDOS” NA COMPANHIA DE APRENDIZES MILITARES DE MINAS GERAIS (1876-1891)**. Disponível em [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9JHJB4/disserta\\_\\_o\\_felipe\\_osvaldo\\_guimar\\_es.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9JHJB4/disserta__o_felipe_osvaldo_guimar_es.pdf?sequence=1)

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Filosofia da História**. Editora da Universidade de Brasília, 2005.

HOBSBAWN, Eric J. **A Era das Revoluções**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1962.

KOCH, H.W. **A Juventude Hitlerista: mocidade traída**. Editora Renes. Rio de Janeiro, 1973

LUFT, Marcos Vinícius. **“Essa guerra é desgraçada”**: recrutamento militar para a Guerra da Cisplatina (1825-1828). Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/76239/000892661.pdf?sequence=1>



PILLAR, General Olyntho. **Os Patronos Das Forças Armadas**. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro, 1981.

SANTOS, Francisco Ruas. A Arte da Guerra. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro, 1998.

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO DA MARINHA. **História Marítima e Naval**: Almirante Tamandaré. Disponível em:  
<https://www.mar.mil.br/dphdm/pesq/tamandare/tamandare.htm>

SILVA, Eduardo Rodrigues da. **A Criança, a Infância e a História**. 2011. Disponível em: [http://historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=368#\\_ftn32](http://historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=368#_ftn32)

SOUSA, Rainer. **A educação espartana**. Disponível em:  
<http://www.brasilecola.com/historiag/a-educacao-espartana.htm>

TABAK, Jana. **AS VOZES DE EX-CRIANÇAS SOLDADO: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE O PROGRAMA DE DESARMAMENTO, DESMOBILIZAÇÃO E REINTEGRAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS**. Pontifícia Universidade Católica do Rio De Janeiro - Puc-Rio.. Dissertação de Mestrado. 2009. Disponível em:  
[http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca\\_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=14536@1](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=14536@1)

VIDIGAL, Armando. **Almirante Nelson: o homem que derrotou Napoleão**. Editora Contexto. São Paulo, 2011.

CENTRO DE PESQUISAS ESTRATÉGICAS PAULO SOARES DE SOUSA

**Universidade Federal de Juiz de Fora**

